

Entrevista completa ao Io (conduzida por Enrique Oltra Pinto-Coelho)

1- Um relatório divulgado a semana passada, e entretanto criticado, diz que o aquecimento global mata 300.000 pessoas por ano e afecta mais de 300 milhões de pessoas em todo o mundo. São números plausíveis?

Nenhuma das redes mundiais de referência para as temperaturas observadas assinala qualquer subida na sua média, tanto na superfície terrestre como no mar desde 1998 pelo que a afirmação é enganadora. De facto, morrem mais do que 300.000 pessoas por ano devido à malnutrição, ausência de saneamento e água potável. Houve epidemias de malária na antiga URSS por esses mesmos motivos e não por qualquer alegado aquecimento. Há quase 1000 milhões de pessoas abaixo do nível de pobreza. No actual contexto, o chamado aquecimento global transformou-se num oportuno bode expiatório para desviar as atenções das verdadeiras causas e dos verdadeiros responsáveis

2- Qual a sua opinião sobre o presidente checo Vaclav Klaus, o ex-primeiro-ministro espanhol José María Aznar e outros conhecidos negacionistas do aquecimento global?

As declarações do Presidente checo são pertinentes quando responsabiliza os alarmistas pela criação de uma nova ideologia e compara a actuação dos seus líderes a estalinistas e fanáticos religiosos. A sua posição é política tal como é política a manipulação dos factos científicos feita pelos alarmistas.

Não conheço devidamente a posição de José María Aznar mas ocorre-me lembrar que foi a 1ª ministra Margareth Thatcher que lançou o alarmismo climático e teve um papel decisivo na declaração das Nações Unidas sobre o tema quando da Conferencia do Rio, prometendo na altura a criação de um instituto de investigação no Reino Unido dedicado às alterações climáticas. Foi assim que nasceu o Hadley Centre.

3- Como explica a insignificância dos partidos verdes na Europa e a inexistência de uma força independente em Portugal?

Os partidos verdes tiveram e têm grande importância nos países nórdicos, sobretudo na Alemanha e a influência da sua acção é claramente visível na legislação ambiental, não só nos seus países como na União Europeia. A partir do momento em que as preocupações ambientais entram na cultura comum e são assimiladas pelos outros partidos, os “partidos verdes”, enquanto tal, ou se reformulam ou desaparecem. A crise actual é um bom teste à sua capacidade de entenderem as suas verdadeiras causas.

Em Portugal, a criação de Os Verdes pelo PCP, a fragilidade da sociedade civil e a iliteracia científica conjugadas com uma explosão conjuntural do consumismo não foram terreno favorável. Acresce que todos os partidos tradicionais se esverdearam, não tanto

por convicções profundas mas mais por oportunismo e necessidade de adaptação a directivas comunitárias.

4- Nuclear ou renováveis: qual a solução mais cara e qual a melhor para Portugal?

Os grupos nucleares existentes no mercado (1000 a 1600 MW por razões económicas) têm dimensão excessiva para a nossa rede eléctrica pelo que centrais nucleares em Portugal estão fora de questão. A energia nuclear não é competitiva em nenhum país do mundo sem subsídios públicos directos ou indirectos e facilidades regulatórias. Cresce apenas em países, como a Rússia ou a China, em que a produção é dominada pelo estado e tem subjacente armas nucleares. Em França, embora a EDF seja juridicamente privada, a participação acionista do estado é superior a 85%. O estado francês controla também o fabricante de centrais nucleares AREVA, para além de não permitir a clarificação das componentes civis e militares nos seus programas.

Na maioria dos países europeus que fizeram a experiência do nuclear o grande debate actual é sobre se as centrais nucleares existentes e em fim de vida devem ser parcialmente substituídas ou simplesmente encerradas. Quem fez a experiência quer sair mas em Portugal há quem queira entrar... desde que o governo a garanta a rentabilidade do negócio!

5- Como é que deveria ser o cabaz energético português mais apropriado, limpo e económico?

A melhor solução é aumentar a eficiência energética (para a qual o ordenamento do território e o urbanismo são cruciais) combinada com as energias renováveis, sobretudo eólica, hidreléctrica e solar térmico juntamente com gás natural e carvão(com acrescido rigor no controlo das emissões) ainda por muitos anos. Todavia, é necessário ter em conta que em Portugal a obtenção de uma unidade de riqueza (PIB) gasta o dobro da energia do que na Dinamarca e bem acima do valor médio europeu pelo que as outras componentes da economia têm de ser significativamente melhoradas.

6- Quais os maiores desafios ambientais no mundo para a próxima década. E em Portugal?

A pobreza extrema e tudo que lhe anda associado. Sem justiça social e equidade na repartição da riqueza produzida não há sustentabilidade ambiental nem económica possíveis. O mesmo se aplica a Portugal.

7- Quais os maiores inimigos do ambiente em Portugal, actualmente?

A cultura consumista promovida pelo crédito barato desde a entrada no euro, pelas ajudas comunitárias e pela energia barata a que se juntou o retrocesso nas leis e normas nacionais relativas ao ambiente. A criação dos PIN (projectos de interesse nacional) pelo governo foi a legitimação dos atropelos, a que acresceu ainda a revisão da RAN e a

redução das coimas nos crimes ambientais. Sublinhe-se que este retrocesso tem graves implicações económicas a curto/médio prazo

8- E os melhores exemplos do caminho a seguir em Portugal?

O caminho seguido pela Costa Rica ou pela Suécia e a Dinamarca são casos a estudar atentamente pelos bons exemplos que constituem.

Nota:

Consultar <http://jddomingos.ist.utl.pt> onde estes temas são documentados e aprofundados.

Lisboa 3 de Junho de 2009